

Quintais faxinalenses: uma forma de sociabilidade

Leonardo Kroin, Unicentro¹

Resumo

A proposta a qual vamos discutir aqui, refere-se à sociabilidade exercida por meio dos quintais entre os faxinalenses. O quintal neste contexto, além de ser um lugar de biodiversidade, é sobretudo um espaço praticado, principalmente pelas mulheres faxinalenses, as quais realizam manutenção do local e fazem do quintal um meio de sociabilidade entre suas pares (vizinhas). Este espaço também funciona como uma despensa ao ar livre, pois se constituem como reservatórios, com uma ampla variedade de plantas que fazem parte da alimentação cotidiana das famílias faxinalenses.

Palavras-chave: Faxinal, Sociabilidade, Quintais.

Abstract

The proposal which we will discuss here refers to the sociability exerted through the backyards among the Faxinalenses. The yard in this context, in addition to being a place of biodiversity, is above all a place practiced, especially by the women from Faxinalenses, who perform maintenance of the place and make the yard a means of sociability among their peers (neighbors). This space also functions as an open-air pantry, as they are reservoirs, with a wide variety of plants that are part of the daily food of the families of Faxinalenses.

Keywords: Faxinal, Sociability, Backyards.

Introdução

Nossa análise parte dos quintais da comunidade Faxinal Lajeado dos Mellos,² município de Rio Azul/PR. Estes espaços, além de serem praticados,³ também são meios que oportunizam e proporcionam relações de sociabilidade entre os faxinalenses, algo comum em comunidades tradicionais, pois as relações exercidas e desempenhadas nestes espaços são diversificadas.

No entanto, antes mesmo de aprofundar a discussão sobre as formas de sociabilidade praticadas nesse espaço, devemos compreender e entender o quintal como um espaço de práticas, ou seja, como parte integrante das relações existentes no sistema faxinalense. Algo que ultrapassa o sentido concreto e físico do mesmo, mas é um meio que proporciona conhecimentos e saberes. É nesse sentido que destaca Giraldo (2018, p. 80): “o conhecimento dos camponeses e camponesas, independentemente de sua etnia, não pode ser separado de seus contextos de vida; surge em sobreposição contínua com o lugar habitado”.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História e Regiões na Universidade Estadual do Centro-Oeste, campus Irati. Email: leonardokroin@gmail.com.

² O Faxinal é um modo de utilização das terras de criação de uso comum existente no Sul do Brasil, notadamente no Paraná. Ver: CHANG, 1988.

³ As práticas aqui estão relacionadas com o trabalho com a terra dentro deste espaço, como capinagem, plantio, colheita, adubação, trocas.

É nesta ótica que pretendemos trabalhar, na qual os quintais são espaços que nos propõem saberes e conhecimentos oriundos de práticas realizadas pelos faxinalenses, e onde se estabelecem relações entre o meio e a produção ou reprodução de saberes. Dentro desta perspectiva ainda pontuamos que:

O conhecimento camponês precisa dessa experiência cotidiana, que é inseparável dos lugares onde habita. É um tipo de conhecimento totalmente dependente do seu relacionamento com o meio. Se trata de um conhecimento localizado, que não pode ser pensado independentemente da sua prática/práxis cotidiana e da experiência do mundo (GIRALDO, 2018, p. 81).

É nesta experiência cotidiana de estar sobre este meio, que são criadas estas práticas, saberes e conhecimentos, em uma relação entre ambos, como destacamos. Esta relação é um exercício que se efetua cotidianamente, já que, materialmente, o quintal é um espaço ao lado da residência, facilitando o deslocamento ao mesmo. Outro ponto que frisamos aqui é no sentido de que:

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só, indica sua sustentabilidade. Embora esse sistema de produção de múltiplas espécies tenha provido e sustentado milhões de pessoas economicamente, pouca atenção científica tem sido destinada ao assunto. (AMARAL e GUARIM NETO, 2008, p. 330).

Nas residências faxinalenses o quintal é um espaço amplo, contendo uma vasta variedade de plantas, como legumes, verduras e até mesmo árvores frutíferas (laranjeiras, limoeiros), mas também plantas medicinais como hortelã, camomila e temperos (como cebolinha e salsinha), os quais são indispensáveis nos quintais faxinalenses. Além destas plantas, os quintais apresentam inúmeras espécies de flores que colorem o espaço e ganham um papel de destaque, principalmente na primavera.

Quintais domésticos são reservatórios de agrobiodiversidade em comunidades rurais mundo afora. Em muitas culturas, as mulheres são responsáveis pela manutenção dessa prática. Essa tarefa cotidiana constitui-se em uma importante atividade doméstica, garantindo o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais. As mulheres preservam a agrobiodiversidade através de plantações em alta densidade de espécies subutilizadas de forma que seus quintais se transformam em um laboratório de experiências para adaptação de variedades locais não-domesticadas. (OAKLEY, 2004, p. 37).

Basicamente, o cuidado diário dos quintais é realizado verificando-se o estado das plantas, fazendo a “limpeza” dos terrenos e frequentando o espaço muitas vezes ao dia em busca dos temperos, condimentos e alimentos usados nas refeições, ou em remédios para chás, infusões, ou “garrafadas”.

Nos quintais faxinalenses ao mesmo tempo em que realizam a manutenção desse sistema, seja para plantar, colher, limpar, apenas adquirir algumas folhas para fazer chá ou temperar algum alimento, as mulheres também se deslocam até suas vizinhas mais próximas, quando não possuem algum condimento em seus quintais. Isso destacado na entrevista de dona Verônica Baran Antoniv: ⁴“Tem mais paciência e mais gosto, sempre a mulher pensa em uma verdura em um tempero, vai fazer uma comida com que não é ?!”

Uma das práticas que são oriundas deste manejo, é a sociabilidade praticada através deste espaço, a qual, apesar de ser tida como informal, acaba criando e fortalecendo os laços e relações entre os membros da comunidade.

Foi por meio da metodologia oral e iconográfica (fotografia), que buscamos refletir sobre as relações que são praticadas pelos faxinalenses junto deste espaço, sobretudo o trabalho desempenhado pelas mulheres, onde além de realizarem a manutenção da biodiversidade, compartilham saberes e práticas que são repassadas de geração em geração, adquiridas com suas mães e avós. Nesta perspectiva, também enfatizamos que “esses conhecimentos consistem em todo um corpus de conhecimento desenvolvido ao longo de muitas décadas e ensinado a cada geração através do uso pragmático” (GIRALDO, 2018, p.81).

Ou seja, como já havíamos destacado, a relação com o meio que estas mulheres faxinalenses estão inseridas também cria e recria estes conhecimentos, além de também exercerem uma forma de sociabilidade por meio destas trocas e visitas com outros membros da comunidade, principalmente com suas pares (vizinhas).

Justificativa

Propusemos analisar os quintais na perspectiva da sociabilidade, um tema que ganha espaço nas discussões acadêmicas, e sobretudo na sociedade de forma geral, onde assuntos que até então não tinham ênfase, acabam ganhando visibilidade através das discussões que a sociabilidade se propõe a problematizar.

Tais problematizações, buscam compreender as práticas e as relações desempenhadas pelo homem ordinário, do homem simples, explorando ações do cotidiano, gestos do dia a dia, suas especificidades, meios e formas que são construídas através da sociabilidade. Contudo, para esta discussão buscamos analisar os quintais, dentre os vários meios que poderíamos problematizar, como festas, modos de trabalho, aspectos religiosos, na perspectiva da

⁴ Entrevista concedida a Leonardo Kroin, no dia 1 de abril de 2016.

sociabilidade nos faxinais. No entanto, devemos salientar que cada aspecto deve ser analisado em seu devido espaço e contexto, não deixando escapar suas particularidades.

Talvez um dos aspectos mais interessantes desta reflexão é analisar o leque que se abre para discussões perante as várias formas de sociabilidade, sejam elas formais ou informais, sejam em grandes cerimônias ou eventos de gala, em grandes cafeterias europeias ou em pequenos bares brasileiros.

Neste aspecto, consideramos interessante demonstrar que além do quintal ser um espaço praticado, com suas múltiplas funções, seja ela alimentícia ou na preservação da biodiversidade de espécies, estratégica no fornecimento de lenha para o inverno e de chás medicinais, é também um sistema que possibilita a construção de meios de sociabilidade entre membros da comunidade, sobretudo entre as mulheres, como havíamos destacado.

Um dos aspectos que podemos enfatizar é o deslocamento realizado entre as pessoas da comunidade, destacando que, quando uma mulher se desloca até sua vizinha mais próxima, realiza uma relação de diálogo e sobretudo de sociabilidade, onde o famoso chimarrão faz parte desta prosa e a varanda - que é sempre perto do quintal - também acaba sendo um espaço de extensão desta sociabilidade. Logo, o quintal acaba se tornando um espaço praticado quando estas mulheres se deslocam para lá; no momento em que realizam uma troca de conhecimentos, entre as plantas que ali estão inseridas - medicinais, flores ou legumes -, seja para fazer chás, conservas ou qualquer receita nova que se utilize de algo do quintal, dentre outras utilizações. Também é um momento em que se realiza um compartilhamento de mudas de ambas as espécies, onde está é transferida e plantada em outro quintal, e o mesmo poderá acontecer quando esta vizinha visitar a outra casa.

Verificamos que através deste deslocamento até sua vizinha, e vice versa, é realizado e construído uma narrativa que se configura como construtora do espaço, não somente na varanda ou na cozinha, onde se constroem as narrativas cotidianas e corriqueiras, mas se estende para o quintal. Deste modo, também é exercida uma forma de sociabilidade junto às mudas, ou mesmo das sementes oriundas das plantas que são compartilhadas.

Contudo, não é somente através deste compartilhamento que se constrói a sociabilidade, mas devemos entender como um processo, que se inicia com a condução, depois com o diálogo acompanhado do chimarrão e por fim com o deslocamento até o quintal, onde nem sempre a visita será agraciada com mudas e sementes.

Um pouco de sociabilidade

O que buscamos refletir são as relações, práticas e ações, que são estabelecidas perante este conceito, compreender suas diferentes formas e meios, além de frisar algumas particularidades.

Simmel (1985) discute em suas obras sobre o tema abordagens características de uma sociabilidade mais formal, estabelecida em regras, modos e comportamentos. No entanto, por meio de sua discussão podemos nos favorecer para refletir e compreender outras formas de sociabilidade.

Os instintos eróticos, os interesses objetivos, os impulsos religiosos e propósitos de defesa ou ataque, de ganho ou jogo, de auxílio ou instrução, e incontáveis outros, fazem com que o homem viva com outros homens, aja por eles, com eles, contra eles, organizando desse modo, reciprocamente, as suas condições – em resumo, para influenciar os outros e para ser influenciado por eles (SIMMEL, 1985, p.165).

Notamos que a sociabilidade está também muito pautada em uma convivência, seja ela familiar, em grupo ou em sociedade, contudo não podemos nos limitar a estes aspectos, se faz necessário refletir sobre. São os medos, instintos, propósitos e impulsos que fazem o homem conviver com outros homens em sociedade, e com esta convivência laços são estabelecidos, e mais, práticas são criadas, e destas advêm formas de sociabilidade, que são desenvolvidas para suprir os aspectos que fazem este grupo permanecer unido. Cabe entender como são desenvolvidas estas formas de sociabilidade, e para que servem em cada grupo especificamente, se é algo apenas voltado para diversão, confraternização ou como algo para manter a união em um sentimento de pertença.

Contudo, Simmel (1985) analisa uma sociabilidade advinda de uma sociedade urbana, possivelmente os grupos e suas formas de relação sofrem impacto dos meios e contextos que estão em volta. Sejam elas específicas ou não, fazem com que os homens se unam em grupos, em associações religiosas, econômicas, quadrilhas, irmandades, clubes, em busca de satisfazer e realizar tais interesses e necessidades, com uma caracterização de pertencimento, de algo em comum. Portanto, meios de sociabilidade são criados mesmo que sejam temporários.

Todavia, buscamos realizar uma reflexão sobre os faxinais, comunidades camponesas típicas do Sul do Paraná, enfatizando esta distinção entre o rural e o urbano. Nesta perspectiva, as sociabilidades das cidades e grandes centros, estariam ligadas com clubes, cafés, shoppings, restaurantes e o rural, que seria o interior destes centros, em nossa ótica estaria relacionado com associações da comunidade, como festejos religiosos e tradicionais da mesma, solidariedade e enfaticamente aqui nos trabalhos de manutenção e limpeza do sistema faxinal realizados em coletivo - frisamos também que nas comunidades faxinalenses é próxima a relação entre a

comunidade e a religião. Possivelmente não conseguiremos detalhar a fundo as especificidades, e nem é nosso objetivo no momento, mas é dar visibilidade a outras formas de sociabilidade, diferentes das quais já temos conhecimento que são oriundas dos centros metropolitanos.

Destacamos neste sentido, dar visibilidade para esta sociabilidade informal do homem simples, frisando aspectos que contemplem e explorem elementos da vida cotidiana e corriqueira das pessoas desta(s) comunidade(s). Assim, partilhamos da seguinte perspectiva:

A vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio. A vida cotidiana começa a nascer quando as ações e relações sociais já não se relacionam com a necessidade e a possibilidade de compreendê-las e de explicá-las, ainda que por meios místicos ou religiosas; quando o resultado que se faz não é necessariamente produto do que se quer ou do que se pensa ter feito. (MARTINS, 2011, p.71).

É na relação com o quintal que notamos estes elementos, esta interação com o meio, é como fosse algo automático estar junto a este espaço de modo diário, mesmo não desempenhando uma atividade efetiva nele, mas em um caminhar entre canteiros em uma observação atenta as plantas que crescem e as pragas que começam a aparecer. Algo corriqueiro e rotineiro, que se faz presente na vida destas mulheres e homens faxinalenses.

Outros aspecto que destacamos neste sentido é a relação de trabalho coletivo dentro do sistema faxinal. De modo simplificado, entende-se este como uma experiência de uso comum da terra destinada a criação de animais e aos recursos naturais disponíveis na mesma, onde apenas as terras destinadas a agricultura são individualizadas. Portanto, os produtores que possuem animais (como porcos, cabritos, cavalos), sendo donos legais ou não da terra, são obrigados a cooperar na manutenção das cercas deste criadouro, de modo que os animais não ultrapassem para as áreas de lavoura que se encontram ao redor do mesmo. Assim sendo, os membros que possuem animais dentro do criadouro comum, devem escolher um dia para realizar reparos na cerca que condiz com sua residência e área de lavoura, dependendo da área muitos tem maior extensão de cercas a fazer reparos.

Neste sentido, muitos se ajudam de maneira mútua realizando mutirões para a realização deste trabalho de maneira conjunta. Assim sendo, se faz presente em algum momento a sociabilidade, desde uma simples reunião no pavilhão da capela para discutir problemas de cercas, na manutenção de estradas e na organização de festejos; e se observarmos mais atentamente, notaremos que junto a esta organização será realizado o trabalho proposto, neste momento será construída outra forma de sociabilidade, durante o descanso, onde o chimarrão e os diálogos vão se fazer presentes em ritmos intercalados com a atividade. É uma sociabilidade

criada de forma temporária, mas é continuada, pois quando for marcada a próxima reunião, este processo tornará a repetir-se e talvez novas formas de sociabilidade poderão ser criadas.

Nossa reflexão foi direcionada para os moldes informais, ou seja, o cotidiano do homem comum, do homem ordinário, destacando suas práticas e relações com seu meio. Nos moldes de um grupo camponês, os faxinalenses em questão, através de suas práticas e saberes, constroem meios de sociabilidade das mais diferentes formas, sejam elas em suas reuniões através do trabalho coletivo mesmo das visitas cotidianas entre os membros da comunidade. Nesse sentido, destacamos o quintal como um meio para tais relações, pois cotidianamente servem como laboratórios do “saber fazer faxinalense” para práticas mais variadas possíveis, como religiosa, cultural ou, ainda, servindo como um sistema alimentício econômico para a família, contribuindo para seu sustento.

O quintal configura-se como um espaço predominantemente feminino, pois são as mulheres que realizam a manutenção e limpeza destes locais, além de compartilharem as experiências com suas pares, dentro ou fora da comunidade, realizando uma troca de conhecimentos e práticas das mais variadas, como receitas, manuseio de ervas medicinais (as quais são utilizadas por ‘curandeiras’ ou ‘benzedadeiras’ locais). Mas os homens também exercem práticas dentro deste sistema, se ocupando com os aspectos econômicos que aquele espaço pode produzir perante as circunstâncias, bem como de espécies nele inseridas. Sua participação é mais restrita e limitada, pois este se ocupa de terras de plantio (roças) que oferecem maior rentabilidade para a família, trabalhando junto aos filhos e netos homens que ainda residem na comunidade, produzindo lavouras de tabaco, soja, milho e eucalipto.

Quando se refere ao quintal, os homens assumem um papel de comercialização em sua grande parte sobre este espaço, e cultivam plantas que possibilitem ou se transformem em um produto de ganho de capital. Um exemplo seria a produção da erva mate, além da comercialização de mudas junto a seus pares, este também pode produzir um erval próprio aos arredores de sua propriedade. Desta maneira, quando atingido um período de 3 a 4 anos, efetiva-se a poda destas plantas e sua venda para ervateiras ou mesmo a comercialização local, o que gera um capital.

Compreendemos deste modo, que a intenção do homem sobre este espaço é enfaticamente sobre variedades de plantas que possibilitem uma geração de lucro, de comercialização com outros homens da comunidade ou para com mercados que ofereçam a compra de produtos derivados destas plantas. A erva mate seria apenas um exemplo, mais podemos citar aqui árvores frutíferas como, uva, laranja, mimosa. Que além de serem vendidas *in natura*, possibilitam a fabricação de vinhos artesanais que também são comercializados.

Tanto as roças como os quintais podem ser considerados sistemas policulturais. Em um pequeno espaço, é encontrada uma grande diversidade de plantas, com muitas utilidades e importância para as famílias. “No caso dos quintais, a sabedoria da maximização do tempo e do espaço, aliada a disponibilidade de mão-de-obra em relação ao tamanho de cada um deles é uma característica importante para a manutenção do sistema produtivo” (DI STEFANO, 2004, p. 20 apud GRANDO, 2007, p. 76). Assim, os quintais são vistos como o alicerce de uma estrutura de auto-subsistência para a comunidade, por serem responsáveis por quase toda a alimentação diária dos moradores, fazendo a ligação entre a casa e as áreas maiores trabalhadas na roça.

As tarefas tanto dos homens quanto das mulheres permitem esta participação, na qual se desenvolvem outras formas de sociabilidade com outros membros da comunidade, criando outras formas de relação e práticas com seus pares. Dessa forma, enfatizamos que os interesses e desejos nos faxinais são outros e a sociabilidade que se cria também passa por mudanças, conforme as relações que estão sendo estabelecidas.

Oralidade e Fotografia

Como já havíamos destacado anteriormente, se utilizamos da história oral, no que se refere ao recolhimento de depoimentos dos moradores(as) e a utilização de fotografias, ambas serviram como fontes primordiais para refletir sobre a sociabilidade por meio dos quintais faxinalenses.

Ao utilizar-se da história oral, buscamos suporte na seguinte perspectiva:

Em nosso entender, a história oral, como todas as metodologias, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras do historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho -, funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral, o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar questões, ou seja, formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. (FERREIRA, 2012, p. 170).

Compreendemos também neste sentido o estabelecimento de uma relação entre a teoria e prática que exercitamos no trabalho de campo, nesta direção destacamos novamente (FERREIRA, 2012, p.170): “As soluções e explicações devem ser buscadas na historiografia e na teoria da história, em que se agrupam conceitos capazes de pensar os problemas metodológicos gerados pela pesquisa histórica”. Entendemos também que a história oral nos

possibilita ampliar nosso leque frente a elementos que compõem nossa pesquisa, de modo que, colabore para um aperfeiçoamento da mesma nos vários pontos destacados, como transcrição, elaboração de questionários, etc.

Com isso também procuramos ressaltar aspectos de sua prática junto a esta(s) comunidade(s), buscando refletir desta forma, elementos de sua vida cotidiana e de seu contato com o quintal. É neste sentido que partilhamos da seguinte visão:

Um dos aspectos mais interessantes do uso de fontes orais é que não apenas se chega a um conhecimento dos fatos mas também à forma como o grupo os vivenciou e percebeu. É de importância capital resgatar a subjetividade, mas é um grave erro passar a confundi-la com fatos objetivos. Esta aproximação crítica ao testemunho oral consegue-se mediante dois procedimentos de caráter interativo: um, com a documentação escrita existente, e outro, com o resto do *corpus* de documentos orais (GARRIDO, 1993, p. 39).

Buscamos trabalhar com as fontes de forma independente, do modo que, uma não seja apenas complemento da outra, ou mera ilustração no caso das fotografias. Mas como fontes que possibilitem trazer estas práticas e relações desempenhadas para dentro da discussão de sociabilidade.

Aqui em nossa discussão obtemos como base de reflexão a entrevista da Dona Verônica Baran Antoniv,⁵ apenas, nossa intenção era destacar mais mulheres faxinalenses falando sobre os quintais, contudo, por desencontros nos dias de visitas dentre outros imprevistos, decidimos destacar enfaticamente apenas está em nossa discussão. Ao todo temos três entrevistas. Para o procedimento elaboramos um pequeno questionário sobre questões relacionadas ao quintal como (variedades que cultivava, sementes utilizadas, modos de cultivo). A entrevista durou aproximadamente trinta minutos. Empregamos um único depoimento também, pelo fato de opção, pois em nossa visão já abrange aspectos que nossa proposta procura enfatizar e discutir aqui.

As fotografias aqui utilizadas também foram de nossa autoria, e foram feitas sobre dois quintais diferentes, onde a primeira fotografia contempla o quintal de Verônica Solda Antoniv e a segunda o da Verônica Baran Antoniv, ambas foram feitas com a autorização das proprietárias. Durante a pesquisa registremos mais de 50 imagens, todavia, decidimos trabalhar neste artigo apenas com duas, pois já demonstram e exploram tanto a amplitude destes espaços como as dinâmicas apresentadas por eles.

Fotografia 1: Verduras

⁵ Entrevistas concedidas a Leonardo Kroin, no dia 1 de abril de 2016.



Fonte: Leonardo Kroin, 30 de julho de 2016.

Para Silva (2009, p. 48), a fotografia como fonte histórica é útil e necessária para escrever a história, pois oferece inúmeras maneiras de construir o relato histórico. A fotografia é capaz de revelar aspectos fundamentais no fenômeno de modificação dos faxinais, para tanto é necessária uma abordagem de leitura sobre a fotografia com maior amplitude. Não se trata somente de uma visão sobre fotografias, “[...] mas de suas histórias, das características do que se expõe na fotografia” (KOSSOY, 2001, p. 99).

Fotografia 2: Mudanças de erva mate nativa



Fonte: Leonardo Kroin, 1 de abril de 2016.

Refletindo sobre a sociabilidade masculina desempenhada nos quintais, é muito presente o aspecto econômico, como já foi enfatizado durante nossa reflexão, a troca ou comercialização de mudas é efetuada, mas sempre com o intuito de um bom negócio. Entre os vários exemplos, a erva mate tem destaque por sua boa comercialização.

Desde a sua apresentação até os dias atuais, a fotografia registra acontecimentos, fatos, o homem, o mundo em uma linguagem de imagens, mostrando uma história múltipla, que se construiu por eventos, lugares e pessoas. Dessa forma, “a fotografia lança ao historiador o desafio de chegar ao que foi revelado pelo olhar fotográfico e ultrapassar a superfície da imagem fotográfica, vendo através da imagem” (MAUAD, 2008, p. 37). O desvendar do momento que envolveu a criação da imagem e o assunto registrado, são definidos como a “segunda realidade”, momento que envolve mais do que um simples olhar.

Os relatos orais não são tratados somente como “cola da vida comunitária”, o objetivo é de perceber como as narrativas dos agricultores são utilizadas para dar sentido ao mundo, ou seja, “eles explicam o mundo e a vida inserida nesse mundo, uma vez que ‘a tradição oral ela não é um conjunto de textos formais; é parte viva, vital da vida. E o conhecimento do passado está relacionado com a inteligência crítica e a utilização ativa do conhecimento” (CHUIKSHANK, 1996, p. 159).

Portanto, as fotografias junto às entrevistas e ao recolhimento de informações, através de anotações e de diálogos que foram estabelecidos, serviram para se construir fontes, que nos auxiliam e ao mesmo tempo nos permitem registrar e narrar uma história na perspectiva faxinalense, contada por faxinalenses.

Considerações Finais

Os quintais cumprem diversas funções sociais e de manutenção da identidade local. São importantes fontes de nutrientes a partir dos cultivos de legumes, frutas, temperos e condimentos usados na alimentação, e da criação de animais que fornecem proteínas para os moradores (principalmente ovos e carne de aves). Os quintais fornecem também remédios, sendo frequentemente usados em emergências, ou mesmo em caso de um mal-estar corriqueiro. Além de proporcionar segurança alimentar e econômica para as famílias, os quintais ainda colaboram para que os moradores sejam menos dependentes de produtos industrializados [...] ou de medicamentos, já que são difíceis de ser encontrados na comunidade, onde não existe farmácia e o único posto de saúde funciona uma vez ao mês, normalmente para consultas de rotina e não pra atendimentos emergenciais. (GRANDO, 2007, p. 77).

A ampla e diversificada variedade de plantas é uma das principais características dos quintais faxinalenses, formando desta forma uma “mistura ecológica”, contribuindo para a

alimentação da família e muitas vezes como uma renda extra, dependendo do produto que é produzido dentro destes espaços – além das plantas que são utilizadas no preparo imediato de saladas como alface, couve, pepino, tomate, repolho, ou cozidas, como beterraba, couve-flor, brócolis, cenoura e temperos (salsinha, cebolinha). Ressaltamos também as conservas como geleias e também a fabricação de vinhos, estes últimos produzidos a partir do aproveitamento de frutos, como uva, laranja, mimoso. Ainda, cabe elucidar muitas vezes estas são retiradas para este fim, e as sobras como cascas e bagaços são lançados no quintal para sua decomposição, em uma produção de adubo natural para as plantas.

Contudo, é preciso salientar que a produção de geleias, vinhos e erva mate é em pequena escala, apenas para arcar com custos e gastos provenientes da fabricação ou, como destacamos anteriormente, em um comércio local, entre vizinhos ou em comunidades vizinhas, sendo mais difícil um comércio na área urbana, pois a burocracia e os custos seriam inviáveis para isso. Destacamos também, que apesar de possuir uma ideia de comercialização destes produtos sob a ótica do homem, por outro lado também é realizado um compartilhamento entre membros mais próximos (vizinhos e parentes que residam nas redondezas); uma troca, onde cada um oferece o que produz, fortalecendo desta maneira os laços de solidariedade entre os membros dentro da comunidade.

Ao longo da discussão, buscamos destacar um pouco das relações desempenhadas no espaço faxinalense, e para isso destacamos o quintal como espaço praticado, além de um meio para construção de múltiplas sociabilidades entre membros da comunidade, que se alongam para outras práticas, com outros interesses e desejos, como foi demonstrado.

Contudo, o espaço do Faxinal não está longe de conflitos, oriundos dos diferentes ideais sobre a utilização das terras de uso comum do território faxinalense, e tais impactos são refletidos em suas relações. Com o crescimento do agronegócio nestas comunidades, muitos destes faxinalenses migram para outras culturas e práticas, cercando áreas que antes eram compartilhadas com seus comuns, realizando plantações de soja, fumo e milho, além de plantações de eucaliptos, que servem como lenha para a secagem do tabaco. Estas mudanças tem causado impacto em suas relações, a utilização de agrotóxicos aumenta gradativamente e o número de sementes crioulas diminui, pois o mercado oferece uma imensa variedade de sementes transgênicas. Além de serem de mais fácil acesso e manejo, essas modificações propiciam crescimento e produção de forma mais rápida; portanto, muitos faxinalenses são atraídos pelos tentáculos desta cultura do agronegócio. Os faxinalenses de uma terceira geração, filhos e netos, acabam deixando de lado os pequenos cultivos, e migrando para uma cultura que visa a lucratividade destas respectivas terras.

Tais mudanças, que estão acontecendo de forma acelerada, influenciam diretamente nas práticas faxinalenses e nas sociabilidades existentes desde o trabalhar coletivo, que começa a diminuir e a se individualizar. Isso restringe e limita os espaços de sociabilidade, e muitos dos espaços onde eram construídas estas sociabilidades acabam desaparecendo.

Buscamos enfatizar que não se trata apenas de uma preocupação com as mudanças que o faxinal vem passando ao longo destas últimas décadas, mas evidenciar quais são os possíveis danos e impactos causados por estas transformações, que podem afetar o modo de vida destas comunidades. Um sistema que demonstra que no quintal faxinalense, pode-se produzir uma alimentação mais saudável e sustentável, e que o mesmo, além de contribuir com a alimentação da família, é compartilhado com outros membros da comunidade.

Portanto, devemos salientar e expandir estas discussões além das comunidades e academia, dando visibilidade e buscando construir alternativas para preservar meios sustentáveis e diversificados de plantas e sementes, bem como outros recursos naturais, como riachos, aguadas e rios, que são em maior parte preservados e mantidos por estas comunidades e povos tradicionais. No entanto, estes bens são de todos e devemos unir forças e criar mecanismos para proteger e preservar este ecossistema indispensável para nossa sobrevivência.

Fontes

Entrevista Oral concedida a Leonardo Kroin, no dia 1 de abril de 2016.

Referências

AMARAL, Cleomara Nunes do; e GUARIM NETO, Germano Guarim. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008.

CHANG, Man Yu. **Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-Sul do Paraná**. Londrina: IAPAR, 1998.

CHUIKSHANK, Julie. Tradição oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coords.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral: velhas questões, novos desafios**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS Ronaldo (orgs). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

GARRIDO, Joan delAlcazar. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25/26, set. 192-ago/93, p. 33.

GIRALDO, Omar Felipe. **Ecología política de la agricultura: agroecología y posdesarrollo**. Chiapas: Ecosur, 2018.

GRANDO, Raquel Lopes Caribé. **O momento de plantar e o momento de colher: estudo etnoecológico na Vila do Forte, Vão do Paranã** – Goiás. 2007. Dissertação (Mestrado em Política e Gestão Ambiental), Universidade de Brasília.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê, 2ª. ed., 2001.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2011.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

OAKLEY, Emily. Quintais Domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, v. 1, n. 1, p. 37-39, 2004.

SILVA, Carla Fernanda da. **Grafias da luz: narrativa visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos**. Blumenau: Edifurb, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. Simmel. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985. p. 165-181.